



LINA E JANETE: QUESTÕES DE GÊNERO NA ARQUITETURA MODERNA ¹

LINA AND JANETE: GENDER ISSUES IN MODERN ARCHITECTURE

Artigo 23

Resumo

O presente trabalho se propõe a levantar questionamentos sobre a trajetória profissional de duas representantes femininas da arquitetura moderna brasileira: Lina Bo Bardi e Janete Costa. Analisando especialmente as parcerias com seus maridos-sócios. O objetivo dessa comunicação é jogar luz nas questões de gênero neste campo do conhecimento, e mais especificamente investigar de que forma a união de Lina com P.M. Bardi e de Janete com Acácio Borsoi influenciou ou até mesmo direcionou suas trajetórias. Sabendo-se que em arquitetura foi estabelecido como papel preponderantemente masculino o de projetar as edificações e o feminino o de decorar seus ambientes internos, o caso das arquitetas selecionadas para o estudo é emblemático. Apesar de apresentarem muitos momentos de similaridade nas suas atuações, suas trajetórias têm como principal ponto de dissonância o fato de que Lina ganhou projeção nacional com projetos de edificação, contradizendo as construções culturais e as estatísticas da profissão, enquanto Janete consagra-se com suas ambientações. Este artigo tem como objetivo específico contribuir para as pesquisas nas quais se busca uma revisão da história da arquitetura que tem sido contada em grande parte com base no protagonismo masculino.

Palavras-chave: Gênero. Arquitetura Moderna. Lina Bo Bardi. Janete Costa.

Abstract

The present work aims to investigate the professional trajectory of two female representants of Brazilian modern architecture: Lina Bo Bardi and Janete Costa. Especially to analyze their partnerships with their husbands-partners. The main objective of this communication is to show and discuss the gender issues in this field, and more specifically to investigate how Lina's union with P.M. Bardi and Janete's with Acacio Borsoi influenced or directed their trajectories. Knowing that architecture has established the design of buildings as predominantly male role and the decoration of the inner spaces as a female one. The case of the selected architects for this study is emblematic. Despite of having many similarities in their trajectories, the main dissonance point is that Lina has gained national projection on building design, contradicting history and statistics, while Janete is devoted professionally to the interior design projects. This article aims to contribute to specific researches related to the review of the history of architecture that has been told largely based on male's role.

Keywords: Gender. Modern Architecture. Lina Bo Bardi. Janete Costa.

¹ ARTIGO 23. Questões de gênero na arquitetura de Lina e Janete. In: 11° SEMINÁRIO NACIONAL DO DOCOMOMO BRASIL. Anais... Recife: DOCOMOMO_BR, 2016. p. 1-10.



1 INTRODUÇÃO

Analisar as parecias entre casais foi tema de um livro publicado em Londres em 1993: *Significant Others – Creativity and Intimate Partnership*, no qual são apresentadas as parcerias de casais de artistas e escritores baseado na crença de que em nossa cultura ocidental a ênfase é dada na criação solitária, e que no caso das parcerias configura-se sempre um como o “gênio criador” e sua dupla apenas como o “outro”. Nessas configurações o papel do mito criador é notadamente em sua maior parte exercido pelo homem (CHADWICK, CORURTIVRON, 1993).

Trazer essa análise para o campo da arquitetura é o principal objetivo dessa comunicação. Sabe-se que muitas arquitetas ou formaram parcerias com sócios (homens) ou casaram com arquitetos. Se por um lado essas parcerias garantiam o acesso e/ou permanência no mercado de trabalho nos momentos de ausência necessária por ventura de licença maternidade ou assuntos relacionados à família, por outro lado, fez com que elas fossem poupadas de serem protagonistas neste cenário. A história mostra que muitas foram relegadas a meras assistentes e cujo reconhecimento foi nulo, configurando trajetórias colaborativas ocultadas pela história da arquitetura:

Infelizmente, muitas arquitetas de altíssima qualidade sofreram as nefastas consequências da estrutura social misógina na qual estavam inseridas. Mesmo atuando de maneira substancial e brilhante, raramente galgaram os méritos de seus feitos, muitas vezes concedidos a um arquiteto, por este ser homem. (Arquitetas Invisíveis, 2015).

Historiadores costumam separar em duas esferas a ocupação do espaço construído: a doméstica (feminina) e a pública (masculina). Esta convenção repercute na profissão estabelecendo-se o design de interiores associado à feminilidade, enquanto os projetos de arquitetura e urbanísticos pertencem a esfera masculina. (SPARKE, 1995). Sparke aponta também o estereótipo criado que associa a espontaneidade no fazer projetual como atributo feminino enquanto as formas minimalistas e calculadas modernistas aparecem como marcadores de uma estética masculina. Estas construções culturais de padrão consolidado refletem na configuração do quadro vigente revelado na falta de reconhecimento da atuação feminina como projetistas durante tantos anos, observados dentro e fora dos escritórios de arquitetura.

Dados e informações referentes ao “star system” da arquitetura e design mundial podem ser acessadas hoje em dia de forma cada vez mais fácil, pois este tema vem ganhando relevância e tornando-se o centro do debate em muitas universidades. Muitas publicações, seminários e artigos científicos vêm se dedicando a tirar da invisibilidade tantas profissionais injustiçadas pela história. Esta comunicação tem também o propósito de contribuir com informações sobre o cenário recense em paralelo ao mundial e brasileiro.

Em todo o mundo muitas arquitetas, urbanistas, paisagistas, designers e profissionais de áreas correlatas contribuíram para a construção do modernismo. Muitas dessas profissionais ficaram invisíveis para a história que não reconheceu seus trabalhos enquanto seus parceiros recebiam todos os méritos. Dentre as quais destacamos: Aino Aalto (Alvar Aalto), Eileen Gray e Charlotte Perriard (Le Corbusier), Ray Eames (Charles Eames), Lilly Reich (Mies van der Rohe), Marion Mahony Griffin (Frank Lloyd Wright) e Denise Scott Brown (Robert Venturi).

No Brasil, dentre as representantes femininas que participaram da construção da arquitetura moderna e cujos nomes ficaram na obscuridade mesmo sendo parceiras (ou até por isso mesmo) de grandes nomes masculinos da arquitetura, destacamos: Carmen Portinho e sua parceria com Reidy, Gisela Magalhães com Lúcio Costa, Anna Maria Niemeyer com seu pai Oscar Niemeyer, Jô Vasconcellos com Éolo Maia, Regina Gomide Graz, cuja obra em grande parte é atribuída a John Graz, além de Mina Klabin Warchavchik, paisagista pioneira na criação de jardins tropicais para as casas modernistas projetadas por seu marido Gregori Warchavchik.



No Recife, mais especificamente, destacamos os casais Wandenkolk Tinoco e Lijane, Vital Pessoa de Melo e Myriam, Marcos Domingues e Conceição Lafayette, e ainda o casal formado pelos arquitetos Armando de Holanda e Clementina Duarte. Este último figura entre os casos de um casamento entre arquitetos cujo sucesso de um não implicou na invisibilidade do outro, levando a crer que isso ocorreu devido as suas atuações distintas que não competiam entre si. Apesar de ter trabalhado no início da carreira com arquitetura, Clementina logo migrou para o design de jóias ganhando projeção nacional e até internacional. Além dessas duplas, uma prática muito comum entre os arquitetos de renome da cidade era convidar “arquitetas de interiores” para projetos temporários, as quais raramente tinham seus nomes incluídos na ficha técnica do projeto, pois entravam na equipe subordinados ao nome do proprietário do escritório.

O objeto dessa comunicação são os casos emblemáticos de Lina Bo Bardi e Janete Costa, justamente por serem exceções e por não terem ficado na obscuridade apesar de suas parcerias-matrimoniais com agentes culturais de destaque no cenário brasileiro. As trajetórias de Lina Bo Bardi e Janete Costa que ao mesmo tempo apresentam muitos momentos de similaridade na atuação, tem como principal ponto de dissonância o fato de que Lina ganhou repercussão nacional com seus projetos de edificação, enquanto Janete consagra-se profissionalmente com suas ambientações

Supõe-se que tais parcerias podem ter colaborado ou até direcionado suas trajetórias. Lina não era casada com um arquiteto, mas com Pietro Maria Bardi (1900-1999) ensaísta, crítico, historiador, pesquisador e galerista, especialista em arte moderna. A arquiteta ítalo-brasileira projetou edificações de destaque no cenário nacional tais como o MASP, o Sesc Pompéia e a Casa de Vidro. Janete Costa, por sua vez, era casada com Acácio Gil Borsoi (1924-2009), professor arquiteto e urbanista. Janete ganhou notoriedade nacional ao projetar principalmente ambientes internos de residências muitas vezes projetadas por Borsoi. Tais configurações levantaram os questionamentos aqui apresentados.

Para verificar a hipótese da influência das parcerias sócio matrimoniais nas trajetórias das arquitetas que acarreta quase sempre na sua invisibilidade, buscou-se uma estrutura metodológica traçada na origem da relação da mulher com a arquitetura, desde a formação, seguida pela análise das suas atuações no mercado de trabalho e passando pela análise das construções culturais da profissão.

A conclusão deste trabalho investigativo a pouco tempo iniciado não apresentará afirmações, mas questionamentos iniciais que balizarão o curso da pesquisa que pretende se desenvolver nos próximos quatro anos de doutoramento.

2 SOCIOLOGIA DA PROFISSÃO: DA FORMAÇÃO AO MERCADO DE TRABALHO

Criadas no século XIII, as universidades eram voltadas para a educação dos homens. A história mostra que a inserção da mulher nos cursos superiores se deu apenas no século XIX, primeiramente nos Estados Unidos no ano de 1837, com a criação de universidades exclusivas para as mulheres.

No caso das escolas de arquitetura, quando passaram a admitir mulheres, as turmas eram predominantemente masculinas. A Bauhaus (1919-1933), escola referência para a formação do arquiteto moderno, inicialmente não admitia mulheres, quando passou a permitir seu acesso direcionava-as para os cursos de bordado e artesanato, não para os ateliês de arquitetura. Contemporânea da escola alemã, porém nos Estados Unidos, a Escola de Cambridge (1915-1942) foi criada especialmente para mulheres, que na época não eram aceitas na Harvard Graduate School of Design (LIMA, 2004).

No Brasil, os primeiros cursos de arquitetura são provenientes ou das Escolas Técnicas ou das Belas Artes. Em 1945 a Faculdade Nacional de Arquitetura foi desvinculada da Escola Nacional de Belas Artes sendo o pioneiro no Brasil. Seguido em 1947 pelo Curso de Arquitetura da Escola Técnica Mackenzie que se transformou na primeira Faculdade de Arquitetura e Urbanismo do estado de São Paulo. Este fator aparece como determinante no perfil dos cursos, sendo aqueles advindos das



exatas mais procurados pelos homens, assim como aqueles derivados das belas artes mais “acessíveis” para as mulheres, no entender da época.

No Recife, em 1932, o ensino de arquitetura e urbanismo começa de forma oficial, com a fundação da Escola de Belas Artes de Pernambuco (EBAP), organização particular que funcionava apenas com o apoio de artistas. Apenas no ano de 1945 o curso passa a ser reconhecido como curso superior passando a emitir diplomas reconhecidos em todo Brasil. Em 1958 o curso se separa das Belas Artes e é fundada a Faculdade de Arquitetura do Recife. Dessa forma, por ser procedente da Escola de Belas Artes, a escola de arquitetura pernambucana admitia mulheres desde o início. Ainda assim, teve um número restrito de alunas até a década de 1970. As turmas de 12 a 15 alunos tinham muitas vezes apenas uma única mulher (UFPE, 2004).

Lina e Janete frequentaram a faculdade de arquitetura num período em que o curso, tanto no Brasil quanto na Itália, era composto de um ambiente predominantemente masculino (LIMA, 2004). Ambas tiveram iniciação modernista, Lina na Universidade de Roma (BIERRENBACH, 2007), e Janete na Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro (BITTAR, [s.d.]).

No tocante às construções culturais da profissão de arquiteto no Brasil, a chamada sociologia da profissão é apresentada pelos Prof. Sônia Marques e Prof. Fernando Lara em sua recente obra *Quid Novi?* (2015) que aponta para uma hierarquização dos profissionais em Arquitetura de acordo com suas atuações. A pirâmide sociológica da profissão é apresentada em extratos de importância relacionados ao reconhecimento dos pares e a remuneração. No seu topo, sempre, os projetistas de “projetos de exceção” - em qualquer escala: urbana ou do edifício, configurando os arquitetos do “star system”, em segundo os projetistas de arquitetura do fazer cotidiano, seu prestígio advém do fato de deterem a “mágica da concepção” do edifício, incluem-se aí os projetistas urbanos. E por fim os arquitetos de interiores com bastante prestígio junto aos leigos, porém menosprezados pela classe, principalmente no meio acadêmico. Os paisagistas não são nominados, mas por analogia podem ser encaixados em projetistas de escala urbana ou do edifício dependendo da dimensão de sua atuação. Nos anos 70 com a expansão universitária apresenta-se um novo modo de inserção profissional: o professor de arquitetura que apesar de não se inserir na escala hierárquica de prestígio e remuneração, é bastante respeitado pela sociedade (LARA, MARQUES; 2015).

Levando em conta essa classificação, verifica-se que Lina está no topo da pirâmide pelos projetos de exceção, enquanto Janete estaria no extrato mais baixo. Todavia, seu nome sempre figurou numa espécie de *star system* da arquitetura de interiores, fazendo acreditar que sua parceria com Borsoi fez com que seu nome estivesse sempre associado ao dele, que por sua vez fazia parte do *star system* da arquitetura pernambucana.

Já em relação a inserção da mulher no mercado de trabalho, sabemos que é com a Revolução Industrial (séc. XVIII e XIX) que elas passam a exercer trabalhos não domésticos nas fábricas que surgiam, iniciando por um lado, seu processo. Por outro lado, esse trabalho não oferecia uma real melhora de vida já que a mulher, embora exercendo a mesma função que um homem em uma fábrica, ganhava bem menos e ainda tinha que acumular trabalhos domésticos (ALVES,PITANGUY; 1981).

O impacto da 2ª guerra na Europa e Estados Unidos também facilitou o acesso da mulher ao estudo, pois o número de matrículas dos alunos homens diminuiu bastante, uma vez que eles estavam na guerra. É fato que nesse período as mulheres passaram também a exercer trabalhos em fábricas de armamentos e munição, e ocupar posições tradicionalmente ocupadas pelos homens.

No Brasil e, por conseguinte, no Recife, fatores como a recessão econômica e o desenvolvimento de métodos contraceptivos foram determinantes para que a mulher começasse a aparecer nas pesquisas de indicadores de população economicamente ativa. Nos anos de 1960 apenas 16% das mulheres trabalhavam, segundo dados do Censo Demográfico. A partir dos anos 1970 observa-se um aumento significativo e contínuo de mulheres no mercado de trabalho brasileiro, que levou ao



índice de 34% da população economicamente ativa de mulheres nos anos 1980 (BALTAR, LEONE; 2008).

A entrada das duas arquitetas no mercado de trabalho se deu com ambas já casadas. Lina e Bardi chegam ao Brasil em 1946 (figura1), todavia o primeiro projeto arquitetônico de Lina foi a Casa de Vidro em São Paulo, datado de 1951. Janete inicia oficialmente sua atuação profissional nos anos 1960 com a sua formatura em arquitetura no Rio de Janeiro, na época Janete era casada com seu primeiro marido, também arquiteto, Maurício Santos. No entanto, sua carreira ganha relevância nos anos 1970 data que coincide com seu casamento com Borsoi em 1969 (figura2).

Figura 1 – Lina Bo Bardi e P.M. Bardi



Fonte: Instituto Bardi, 2014.

Figura 2 – Janete Costa e Acácio Borsoi



Fonte: Inventário Janete Costa, 2013.



3 LINA E JANETE

Tanto Lina quanto Janete deixaram seu local de origem em busca de crescimento profissional. Lina deixa a Itália no pós-guerra em busca de possibilidades profissionais no Brasil. Enquanto Janete Costa deixou o agreste de Pernambuco para viver na capital do país, na época, o Rio de Janeiro.

As duas apresentaram ao longo de suas carreiras atuações importantes na arquitetura, no design e no campo da museografia brasileira (GÁTI, 2014). Despontando entre os principais personagens da formação e consolidação das tendências modernistas no Brasil, elas se destacam por sua criatividade e inovação verificados em todos os campos de suas atuações (GUIMARAENS, COUTO; 2009).

Consideradas “musas” da arquitetura moderna devido aos seus esforços na constituição da identidade nacional demonstradas pelas suas trajetórias de valorização do patrimônio popular na arquitetura de interiores, no design e nas exposições, ambas foram reconhecidas em vida.

Entretanto, no caso de Lina, questiona-se o tardio reconhecimento por seus pares e inclusive no meio acadêmico, numa época em que Lúcio Costa e Oscar Niemeyer dominavam o star system da arquitetura brasileira. Lina projetou algumas das mais notáveis edificações do Brasil moderno, como o Museu de Arte de São Paulo, o Sesc Pompeia e o restaurado Solar do Unhão na Bahia. No entanto, acredita-se que ela poderia ter sido mais prestigiada:

E, se é difícil explicar com precisão os motivos de tantas adversidades – que passam pelos fatos mais óbvios **de ser mulher em uma sociedade machista**, ser “estrangeira” em tempos de nacionalismo ou, ainda, **ser casada com um sujeito polêmico como Pietro Maria Bardi**. Há algo notável sobre a arquiteta que se relaciona à maioria de seus fracassos e sucessos: Lina não seguiu padrões, modelos prontos e modismos, nunca escolheu os caminhos fáceis e não hesitou em experimentar, subverter e ir contra os discursos hegemônicos na política ou na cultura (FERRAZ, 2014, grifo nosso).

Janete deixou sua marca registrada nos projetos de ambientação por todo país, especialmente por ter introduzido elementos da arte popular e artesanato, principalmente, peças do nordeste do Brasil nos seus projetos de arquitetura de interiores para a elite econômica. O reconhecimento do seu trabalho fez nascer entre seus colegas de profissão a suposta “Escola Janete Costa”. Este termo era usado por seus discípulos e admiradores para se referir ao seu pioneirismo regionalista (GÁTI, 2014).

Lina também tinha interesse pela arte popular e o artesanato brasileiros. Esse fascínio comum levou-as à construção de valiosas coleções de objetos populares. Além disso, tal aproximação encaminhou-as ao desenvolvimento de projetos comprometidos com as questões sociais do país demonstrados através de sua prática e discurso em prol de uma cultura popular emancipada (RUBINO; GRINOVER, 2009).

Com tantas similaridades suas trajetórias, no entanto, é a substancial diferença entre estas que conduz esta pesquisa, tendo como base a observação da história da arquitetura que revela que padrões patriarcais também estiveram presentes neste campo do conhecimento. A investigação comparativa sobre as relações de gênero na arquitetura, representadas aqui através das parcerias-matrimoniais nas trajetórias de Lina e Janete tem como hipótese que a presença do masculino na associação profissional pauta a atuação feminina. Verifica-se ao longo da história que o protagonismo em projetos de arquitetura foi sempre masculino, levando as mulheres a optar pela ambientação. Janete Costa confirma esta hipótese, no entanto, Lina desmente esta suposição, posto que foi protagonista como projetista. Configurando-se assim uma suspeita de que o fato de ter casado com um não-arquiteto pode ter sido determinante para seu sucesso como projetista de arquitetura.



Observa-se que apesar de Lina e Bardi não formarem um casal de arquitetos, o que lhe deu certa autonomia criativa, essa independência não era verificada no fato de que Lina incorporou o sobrenome do marido ao seu, sendo reconhecida por este.

Vale destacar que Lina fazia questão de não flexionar o gênero na palavra “arquiteto”(talvez porque em italiano também não se flexiona) como mostra a imagem da placa de obra (figura3). Lina não constituiu a família-padrão, pois não teve filhos, portanto podia se dedicar a profissão com mais liberdade, dado relevante quando se refere a atuação profissional feminina.

Figura 3 – Placa de obra Lina Bo Bardi



Fonte: Instituto Bardi, 2014.

Por outro lado, apesar de exercer conforme o padrão o papel de arquiteta de interiores, Janete Costa não acrescentou o sobrenome Borsoi ao seu nome profissional. Verifica-se que todo material gráfico do escritório chamado Borsoi Arquitetura Ltda. nunca incorporou o nome de Janete na sua logomarca constante nos carimbos das pranchas de desenho e placas de obras. Segundo depoimentos ela não dava importância para isso, pois estava muito ocupada com “questões maiores”, assim sempre que precisava de algum material gráfico usava a identidade visual do Borsoi Arquitetura Ltda. (figura 4).

Evidencia-se dessa forma de que ao se desdobrar em muitas atividades profissionais e domésticas, questões como estas transformam-se em “questões menores”, sem importância, que contribuíram muito para a ampliar a invisibilidade feminina em muitos casos.

Figura 4 – Cartão profissional Janete Costa



Fonte: Inventário Janete Costa, 2014.



4 CONCLUSÃO

O rico depoimento publicado no texto “*Sexism and the star system in architecture*”² escrito em 1989 por Denise Scott Brown arquiteta e esposa de Robert Venturi, apresenta inúmeras situações de opressão e injustiças cometidas contra ela, especialmente pela crítica arquitetônica. Suas palavras revelam principalmente sua mágoa relação a sua parceria sócio-matrimonial: “Eu poderia melhorar minhas chances de reconhecimento individual se eu voltasse a ensinar ou se abandonasse minha parceria com meu marido”.

O depoimento de Scott Brown aponta para um possível prejuízo na sua carreira indicando que se faz necessário dar voz a muitas arquitetas para que possam relatar os caminhos seguidos ou deixados de seguir em virtude dessas parcerias.

Nos casos de Lina e Janete, ambas já falecidas, as hipóteses são levantadas com base nas suas trajetórias que levaram aos questionamentos chave deste estudo, tais como a suposição apontada pela cientista social e antropóloga Silvana Rubino em palestra sobre a “Arquitetura e a Questões de gênero” apresentada no Sindicato dos Arquitetos de São Paulo em novembro de 2014:

Será que a atuação de Lina como arquiteta projetista teria ganhado notoriedade caso seu maior cliente não fosse seu marido?

O fato de Bardi ter sido braço direito de Assis Chateaubriand, configurou a favor de Lina um capital social que fez com que a arquiteta captasse projetos que lhe deram visibilidade, a começar pelo MASP. A repercussão causada pelo MASP além de ter colocado a arquiteta em evidência, gerou credibilidade para a contratação de novos projetos, fato determinante no delinear da carreira de Lina. E ainda:

Fosse Bardi arquiteto, teria Lina projetado tais edifícios, ou, seu nome teria se projetado nacionalmente?

Sobre Janete que afirmou em entrevista que não projetava edificações, pois Borsoi fazia isso muito melhor que ela, podemos questionar:

Será que se Borsoi não fosse arquiteto, Janete teria sido mais atuante em projetar edificações? E por outro lado: não fosse Borsoi pertencente ao “star system” da arquitetura pernambucana teria Janete ganhado tamanha notoriedade?

As parcerias de Lina com Bardi e Janete com Borsoi são vistas de forma positiva por seus pares no meio das artes e no campo da arquitetura, pois não impediram o destaque e reconhecimento das arquitetas no cenário nacional e até internacional. No entanto, os questionamentos levantados sugerem possibilidades não exploradas nas suas trajetórias.

REFERÊNCIAS

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O Que é Feminismo**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

² Texto publicado em *Architecture: a place for women*, de Ellen Perry Berkeley, 1989.



ARQUITETAS INVISÍVEIS. **Arquitetas Invisíveis apresentam 48 mulheres na arquitetura**: Arquitetura 10 Mar 2015. ArchDaily Brasil. Disponível em: <http://www.archdaily.com.br/br/763417/arquitetas-invisiveis-apresentam-48-mulheres-na-arquitetura-arquitetura>. Acesso em 24 nov. 2015.

BALTAR, P.; LEONE, E.T. **A mulher na recuperação recente do mercado de trabalho brasileiro**. In: Revista Brasileira de Estudos Populacionais. São Paulo, 2008.

BARDI, Lina Bo. **Tempos de grossura**: o design no impasse. São Paulo: Instituto Lina Bo e P.M. Bardi, 1994.
BIERRENBACH, Ana Carolina de Souza. **Lina Bo Bardi: tempo, história e restauro**. São Paulo, 2007. Disponível em: <www.revistas.usp.br/cpc/article/download/15595/17169>. Acesso em: 28 jan. 2015.

BITTAR, William. **Universidade Federal do Rio de Janeiro**, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. História. Rio de Janeiro, s/. Disponível em: <<http://nova.fau.ufrj.br/index.asp?n1=1&n2=23>>. Acesso em: 29 jan. 2015.

BORSOI, Roberta. **Roberta Borsoi**: depoimento da filha de Janete Costa [12 abr. 2013]. Entrevistadora: Andréa Gáti. Recife, PE, 2013.

CHADWICK, Whitney; CORURTIVRON, Isabelle de. **Significant Others – Creativity & Intimate Partnership**. London: Thames and Hudson, 1993.

COSTA, Geraldo Ferreira da. **Geraldo Ferreira da Costa**: depoimento do irmão de Janete Costa [mar. 2014]. Entrevistadora: Andréa Gáti. Recife, PE, 2014.

COSTA, Janete. **Interiores**. Rio de Janeiro: Index, 1993.

_____. **Arte Popular de Pernambuco**. Recife: Instituto Cultural Bandepe, 2001.

_____. **Feito com as mãos**. Anotação pessoal sobre o artesanato. Recife, jun.2003.

_____. **Janete Costa: entrevista**. [2003]. Itália: Revista Interni, edição 531. Entrevista concedida a Adélia Borges. Disponível em: < www.adeliaborges.com/textos/>. Acesso em: 25 fev.2013.

_____. **Janete Costa, a arquiteta dos interiores brasileiros**. São Paulo: Revista Design & Interiores, set. 1991.

_____. Conferência Janete Costa, realizado em 1973. In: **Anais... Seminário de Tropicologia**. Recife: Editora Universitaria UFPE, 1979.

_____. Conferência Roberto Burle Marx, realizado em 1985. In: **Anais... Seminário de Tropicologia**. Recife: Massangana, 1992.

FERRAZ, Marcos. **Cem anos de Lina Bo Bardi, arquiteta-antropóloga**. Revista carta Capital dez 2014. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/blogs/outras-palavras/cem-anos-de-lina-bo-bardi-arquiteta-antropologa-5797.html>. Acesso em: 31 jan. 2016.

GÁTI, Andréa. **Arte e Artesanato na Arquitetura de Interiores Moderna de Janete Costa**. Recife, 2014. Dissertação (Arquitetura e Urbanismo) - UFPE.

GUIMARAENS, Cêça; COUTO, Sylvia C. **Musas do patrimônio moderno e contemporâneo**. In: 8º DOCOMOMO Brasil, 2009. Rio de Janeiro. Trabalhos completos. 8º DOCOMOMO Brasil. Rio de Janeiro: FAU UFRJ, 2009. p. 1-14. Disponível em: <<http://www.docomomo.org.br/seminario%208%20pdfs/131.pdf>>. Acesso em: 25 fev. 2013.

LIMA, Ana Gabriela Godinho. **Revendo a história da arquitetura: uma perspectiva feminista**. São Paulo, 2004 Tese (Educação) – Mackenzie.

MARQUES, Sonia; LARA, Fernando. **QUID NOVI? Dilemas do ensino de arquitetura no século 21**. Austin: Nhamericapress, 2015.



McKELLAR, Susie; SPARKE, Penny. **Interior design and identity**. Manchester: Manchester University Press, 2004.

MOREIRA, Fernando; GÁTI, Andréa. **Inventário Janete Costa**: a construção da memória. In: 3º Seminário Ibero-americano Arquitetura e Documentação. Belo Horizonte: UFMG, nov. 2013.

OLIVEIRA, Olívia de (2006), **Sutis Substâncias da arquitetura de Lina Bo Bardi**. São Paulo: Romano Guerra, 2006.

PEREIRA, Juliano Aparecido. **A ação cultural de Lina Bo Bardi na Bahia e no Nordeste, 1958-1964**. Uberlândia: Edufu, 2007.

RUBINO, Silvana. **Silvana Rubino**: palestra [1 nov. 2014] Arquitetura e a questão de gênero: a mulher na arquitetura e na cidade. Sindicato dos Arquitetos de São Paulo, SP, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=za4Bvx4J2mA>. Acesso em: 15 fev. 2016.

RUBINO, Silvana; GRINOVER, Marina. **Lina por escrito** – textos escolhidos de Lina Bo Bardi. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

SANTOS, Mário. **Mário Santos**: depoimento do filho de Janete Costa [7 jan. 2014]. Entrevistadora: Andréa Gáti. Recife, PE, 2014.

SPARKE, Penny. **As long as its pink**: the sexual politics of taste. London: Pandora, 1995.

_____. **The modern interior**. London: Reaktion Books, 2008.

UFPE. **Curso forma arquitetos há 45 anos** – Nov. 2004. Disponível em: https://www.ufpe.br/agencia/index.php?option=com_content&view=article&id=10440:&catid=5&Itemid=78. Acesso em: 21 out. 2015.